

Entrevista com Isabel Aldir, Diretora do Programa Nacional para a Infecção VIH e SIDA, da Direção-Geral da Saúde:

“Hoje, estamos a celebrar estes ganhos, mas não devemos esquecer quão difícil foi dar esse passo fraturante”



Ao fim de 25 anos de um programa implementado a nível nacional, mais de 57 milhões de seringas foram trocadas... Como avalia os resultados?

Os resultados são francamente positivos. Se temos hoje a felicidade de estarmos a assistir ao mais baixo número de novas infeções por VIH entre os utilizadores de drogas injectáveis, isso representa um sucesso de muitas decisões no âmbito do consumo de drogas, incluindo o programa troca de seringas. Atualmente, o número de casos de infeção VIH entre os consumidores de drogas é diminuto, o que passa muito pelo facto de terem acesso ao material de que necessitam para fazerem os seus consumos.

Esta taxa de sucesso não encontra, no entanto, correspondência nos restantes grupos considerados de risco...

De facto, as situações são completamente distintas, bem como a percepção do risco... E é mais fácil ser-se efetivo neste tipo de ação, ao trabalhar com esta população, do que, por exemplo, ao estimular o uso do preservativo junto da população em geral e da população heterossexual acima dos cinquenta anos.

Que importância atribui à estratégia nacional de luta contra as toxicodependências ao descriminalizar o uso das drogas?

Esta redução do número de pessoas utilizadoras de drogas infetadas por VIH não se deve, obviamente, apenas ao programa troca de seringas. Todas as estratégias são complementares e, quer o programa troca de seringas, quer a descriminalização do consumo, quer os programas de redução de riscos e minimização de danos, os programas de substituição de baixo limiar, todos eles se completam e nos permitem alcançar estes resultados. Uma medida isolada permitiria certamente obter sucesso mas nunca a magnitude do sucesso a que hoje assistimos.

Depreendo que podemos estar satisfeitos perante os resultados mas nunca “baixar a guarda”...

É isso mesmo. São resultados bons e animadores mas temos que ter consciência de que, se houvesse desinvestimento nesta área, o mais natural seria, daqui a uns anos, assistirmos a uma inversão da situação e a um aumento do número de casos. As pessoas irão continuar a

consumir e, como tal, continuarão a ter a necessidade de ter acesso a material que se pretende esteja em condições de segurança para o próprio. É nossa obrigação, enquanto país e Estado, garantir que estas pessoas, tenham acesso às melhores condições. É também trazer para esta área uma dimensão de direitos humanos e de respeito pelos mesmos.

Imaginaria que, há 25 anos, uma atitude vanguardista, como o programa troca de seringas, iniciado pela Professora Odette Ferreira, avançasse e resultasse nos indicadores atuais?

Agora é muito fácil concluir isso... Tenho um profundo respeito por todas as pessoas, particularmente pela Professora Odette Ferreira, que na altura gizou esta estratégia porque, certamente, foi muito difícil consegui-lo... Hoje, estamos a celebrar estes ganhos, mas não devemos esquecer quão difícil foi dar esse passo fraturante.

Como analisa o estado atual do fenómeno estigma?

Felizmente, baixou... Mas persiste. Portanto, não nos iludamos. Existe em relação às pessoas que vivem com VIH, bem como à população utilizadora de drogas e temos que continuar também o trabalho nessa área, para que o estigma e a discriminação sejam uma realidade cada vez mais distante de nós.

Que desafios enumeraria para o futuro?

São tantos! Não só mantermos todas estas conquistas que tivemos mas continuarmos a ser inovadores e a ajustar as nossas estratégias às reais necessidades das pessoas. E conseguir fazê-lo de uma forma que nos garanta que tenham sustentabilidade no futuro.

